

Para FMI, 'aterrissagem' da economia pode ser suave

Risco de recessão diminuiu, diz Georgieva

DE NOVA IORQUE

Apesar do maior temor de recessão nos países desenvolvidos nas últimas semanas, a diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Kristalina Georgieva, disse que vê maiores chances de a economia global fazer uma aterrissagem suave à frente.

Segundo ela, a economia mundial demonstrou uma "resiliência notável" e o primeiro semestre de 2023 trouxe "boas notícias", principalmente, por conta de uma demanda por serviços mais forte do que o esperado e "progressos tangíveis" na luta contra a inflação.

"Isto aumenta as chances

de uma aterrissagem suave para a economia global. Mas não podemos baixar a guarda", alertou Georgieva, na abertura das reuniões anuais do FMI e do Banco Mundial, em Abidjã, na Costa do Marfim.

Citando as novas projeções econômicas que o FMI deve divulgar na próxima semana, durante os encontros, ela admitiu que o ritmo de expansão global segue bastante fraco, aquém da média de 3,8% antes da pandemia. As perspectivas de crescimento global no médio prazo enfraqueceram ainda mais, disse ela.

Embora a recuperação dos choques dos últimos



Bolsa de Nova Iorque: subida dos juros contra a inflação nos Estados Unidos contamina economia mundial

DÓLAR A R\$ 5,16

Após encerrar quarta-feira praticamente estável, o dólar voltou a subir, ontem, em meio à queda das commodities (produtos agropecuários e minerais) e fortalecimento da moeda americana em relação às latino-americanas. A formação da taxa de câmbio foi ditada mais uma vez pelo ambiente externo. Operadores relatam ambiente de cautela diante da expectativa pela divulgação, hoje, do relatório de empregos dos EUA em setembro. Se a geração de postos de trabalho continuar forte, isso ampliará as expectativas de subida dos juros pelo Federal Reserve (Banco Central americano). Os títulos dos EUA para dez anos, o mais procurado do mundo, está em 4,7%, rentabilidade que tira recursos até das bolsas americanas.

anos continue, é lenta e desigual, avaliou. "Um impulso mais forte vem dos Estados Unidos. A Índia e várias outras economias emergentes, incluindo a Costa do Marfim, são pontos positivos", disse Georgieva.

Por outro lado, ela lembrou que a maioria das economias avançadas está atravessando um momento de desaceleração econômica.

"Na China a atividade econômica está abaixo das expectativas e muitos países enfrentam um crescimento anêmico", destacou a diretora-gerente do FMI.

Ela voltou a alertar, contudo, para os riscos em torno de uma fragmentação global, com os países agindo cada vez mais por si só na esteira dos recentes choques globais, a pandemia e a guerra na Ucrânia.

Segundo ela, além de uma ameaça às já fracas perspectivas de crescimento global, o movimento é um desafio especialmente para países emergentes e em desenvolvimento.

"Estimamos que a perda acumulada da produção global resultante de choques sucessivos desde 2020 ascenda a US\$ 3,7 trilhões em 2023", projetou Georgieva.

INFLAÇÃO E EFEITOS

Ela alertou para o risco do ressurgimento da inflação apertar ainda mais as condições financeiras, impactando duramente os mercados e as economias. Apesar da melhora do custo de vida em alguns países, muitos vão conseguir convergir a inflação de volta à meta dos bancos centrais somente em 2025, disse ela. (Estadão Conteúdo)